COQUELUCHE NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DOS DADOS EPIDEMIOLÓGICOS EM MENORES DE 19 ANOS (2014-2025)

Marina Balod Strassacappa[1]; Alana Tálita Marmol[1]; Manuela Carneiro de Mattos[1]; Beatriz Batista Conzatti[1]; Carolina Afonso Ramos[1]; Laura Cortezi Rottoli[1]; Eduarda Rafaela Machado Pacheco[1]; Raissa Rocha Marcos[1]; Maria Julia Pasini Batista[1]; Izabelle Silva Lobo[1].

[1]Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

INTRODUÇÃO

A coqueluche é uma infecção respiratória, transmissível e que afeta principalmente crianças e adolescentes. Nos últimos anos, o aumento dos casos têm sido associados a influências externas e epidemiológicas.

OBJETIVOS

Analisar a tendência dos casos de coqueluche no Rio Grande do Sul entre 2014 e 2025 na população pediátrica, bem como a relação entre a incidência da doença e fatores externos agravantes.

MÉTODOS

Foram pesquisados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do portal DataSUS, os dados sobre casos de coqueluche em indivíduos na faixa etária entre menos de 1 ano e 19 anos. Os dados foram acessados e extraídos para o programa Google Planilhas em março de 2025, tendo sido posteriormente analisados e correlacionados com variáveis como o isolamento social e a cobertura vacinal da vacina DTP.

RESULTADOS

No período de janeiro de 2014 a fevereiro de 2025, foram contabilizados 1117 casos de coqueluche no Rio Grande do Sul na população de 0 a 19 anos. Desses, 819 são de crianças com menos de 1 ano.

Ao longo dos anos analisados, pode-se observar uma queda expressiva do número de casos em 2020 e 2021, fato que pode estar diretamente relacionado com o isolamento social devido a pandemia de Covid-19, que freou a transmissão de doenças transmitidas por contato com gotículas, como a coqueluche. Todavia, nota-se um aumento significativo dos casos no estado no ano de 2024 (347), o maior dos últimos anos. Tal cenário persiste nos dois primeiros meses de 2025, que juntos somam 87 confirmados, aproximadamente ¼ das ocorrências de 2024. Contudo, segundo dados do Centro Estadual de Vigilância em Saúde do RS, é possível estabelecer que esse aumento não está atrelado à uma diminuição da cobertura vacinal da vacina DTP.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os dados analisados, é possível correlacionar as variações da incidência de casos de coqueluche no Rio Grande do Sul com influências externas e epidemiológicas. Nesse sentido, associa-se a queda do número de casos no momento da pandemia de Covid-19 às medidas de prevenção adotadas no período. Além disso, o aumento dos casos no período subsequente não demonstra correlação direta com a cobertura vacinal da vacina DTP. Portanto, considerando a persistência dessa tendência de aumento dos casos de coqueluche, principalmente na população pediátrica, demonstrada pelo incremento na taxa de casos nos meses iniciais do ano de 2025, faz-se necessária a investigação de outros fatores externos que estejam contribuindo para o agravamento desse cenário.

Contato: marina.strassacappa@ufcspa.edu.br